

**SEGURANÇA E EDUCAÇÃO /** O **Correio** ouviu professores, diretores e especialistas sobre como superar a rotina de violência e como é possível dar mais proteção aos estudantes. Ações integradas e preventivas são necessárias

# OS CAMINHINHOS DE PAZ NAS ESCOLAS

» PEDRO MARRA  
» ANA ISABEL MANSUR

As situações de violência vividas em escolas do Distrito Federal nas últimas semanas acenderam um alerta nos gestores públicos e trouxeram à tona alguns questionamentos: é possível superar o cenário violento nos colégios? Qual caminho deve ser trilhado? Na busca por respostas, o **Correio** conversou com professores e diretores de escolas que conseguiram superar o contexto de violência e estabelecer a cultura de paz. Levantamento da Polícia Militar mostra que, só em 2022, o Batalhão Escolar atendeu 108 ocorrências de crimes ou atos infracionais relacionados a delitos praticados em colégios públicos do Distrito Federal.

Há sete anos, era comum testemunhar ocorrências no Centro de Ensino Fundamental 33 (CEF 33) de Ceilândia. Entre abril e maio de 2015, uma equipe do Batalhão Escolar chegou a ficar na escola por 25 dias. No início de junho do mesmo ano, em um domingo, o colégio foi arrombado, pichado e revirado. À época, a direção da escola acreditava que o ataque fosse uma represália de traficantes de drogas da região contra a permanência da PMDF dentro e fora da instituição de ensino. Dois dias depois do ocorrido, as aulas foram retomadas, com reforço no policiamento.

A violência não ficava apenas da porta para fora, e era possível presenciar brigas e discussões nos corredores do colégio. Alunos e professores eram alvo de agressões. Os gestores suspeitavam que um aluno de 13 anos, que teve desavenças com a coordenação, fosse um dos autores do ataque. O adolescente teria enfrentado os diretores dois meses antes e, em seguida, dito a um colega que havia escondido uma faca na escola para matar a diretora e o vice-diretor. A faca foi encontrada no lugar indicado.

Desde que chegaram no CEF 33, no ano letivo de 2020, os gêmeos José Pedro Lima Travassos e Tiago Felipe Lima Travassos, 13 anos, contam que tem algazarra nas aulas em alguns momentos. Até já viram brigas, mas dizem que a direção fica de olho. "A escola é rígida sobre essas coisas, porque se acontecer qualquer confusão, o diretor aparece e muita gente acaba sendo suspensa", conta Tiago.

Desde o começo do ano, três colegas foram suspensos durante três dias por causa de brigas. "A nossa educação vinda de casa foi evitar briga, tanto que nossos pais dizem que se virmos que está acontecendo perto, a gente se afasta, porque essas coisas nunca acabam bem", relata Tiago. José esclarece que nunca sofreu agressão no CEF 33, mas, na última sexta-feira (25/3), ouviu discussões. "Estavam falando que iam encontrar outra na porta da escola", relata.

## Confiança

A mãe dos gêmeos, Maria Aparecida de Lima, 52, que mora com o marido, o servidor público Elizabeto Travassos, 58, diz que a casa deles fica perto do CEF 3 e que tem contato próximo com os diretores, em quem confiam por conta da disciplina. "Se ele vê algum aluno

Carlos Vieira/CB



Os irmãos Tiago Felipe e Jose Pedro Lima Travassos com a colega de turma Vitória Batista contam como é a rotina escolar

Arquivo pessoal



**É preciso parceria escola e família e a instrução de ambas as partes sobre os tipos de violência, como prevenir e como mediar uma situação dessa."**

**Paula Lorenzo, pedagoga**

fazendo bagunça, nem deixa ficarem no corredor", explica. Quando os casos de briga ocorrem, Maria cita que o diretor e vice chamam os pais e o Conselho Tutelar da região. "No ano passado, na reunião que houve, avisaram dessa medida, para evitar omissão", detalha.

Diretor do CEF 33 há sete anos, Amadeu Romualdo da Silva Neto conta que precisou investir em propostas de ensino mais integrativas entre os estudantes do colégio. "Era uma escola mal

falada, então criamos grupos, tudo que acontece, notificamos, temos uma comunicação muito efetiva entre os pais, em que comunicamos de imediato", esclarece o educador. Para ter atividades lúdicas, o gestor conta que oferece dois passeios por semestre. Também reforça o sentimento de pertencimento deles ao espaço pedagógico, como uma segunda casa. "Estamos sempre fazendo coisas para verem que a escola é deles", disse.

Colega de sala dos irmãos Travassos, Vitória Batista, 13, concorda com o pensamento do diretor Amadeu de propor conversas abertas com os alunos. "Acho que seria muito bom ter uma conversa frequente e sem barreiras com os alunos que incomodam para que recebam orientações".

A aluna acredita que seria importante haver uma revista na entrada do colégio para evitar que os estudantes entrem com objetos ou drogas. "Uma vez, uma pessoa da minha sala levou uma coisa ilícita", relembra.

O coordenador educacional do Centro de Ensino Fundamental 1 (CEF 01) de Planaltina — com 1,1 mil alunos —, Marcus Martins, 66, relata um momento de bullying sofrido por uma aluna, que foi amarrada com uma corda por três colegas durante o início do que ele chamou de "brincadeira" entre os alunos. Um deles a segurou por trás, a imobilizou, e os outros pegaram o braço dela e deram um nó. "Estavam

## Palavra de especialista

### Desigualdade e preconceito

*Primeira e mais importante questão: não é uma violência provocada nas escolas, são instituições educativas que estão em uma sociedade violenta e, portanto, dentro delas também serão manifestadas violências. Quando pegamos os jovens que brigam, cometem atos de violência nas escolas, eles são vítimas também de múltiplas violências: racismo, atuação do estado, braço armado, polícia, não ter alimentação, não ter moradia digna. Nossa sociedade é extremamente desigual, e todos os preconceitos são violências.*

*Precisamos do Estado resolvendo questões de desigualdades sociais, levar para todos os espaços debates sobre feminicídio, machismo, violências que a juventude sofre, desigualdade centro-periferia, questões raciais, garantir que a escola ouça a juventude e seja construída para ela. É*

Arquivo pessoal



*importante que as múltiplas linguagens da juventude se manifestem dentro da escola. Com participação efetiva, a escola deve trazer os elementos de desigualdades para serem debatidos e estudados para formar sujeitos que lutam contra essas desigualdades, que desencadeiam tantas violências.*

**Catarina de Almeida,** professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) e coordenadora do Comitê-DF da Campanha Nacional pelo Direito à Educação (CNDE)

brincando de se amarrar, quando um menino a segurou por trás, e ela se sentiu extremamente apavorada", relata.

Em casos como esse, Marcus conta que a saída tem sido conversar com os pais e responsáveis para alertar sobre o

comportamento dos estudantes, conforme foi feito no sábado (26/3). "Conversando com o grupo de professores, foi falado para os pais que os meninos estão muito mais violentos, com estopim curto, ansiedade e choro", recorda o educador.

## Importância do diálogo

Para haver diminuição da violência dentro da escola, a pedagoga Paula Lorenzo ressalta a importância do engajamento de toda a comunidade. "É preciso parceria escola e família e a instrução de ambas as partes sobre os tipos de violência, como prevenir e como mediar uma situação dessa."

Paula aponta que se deve integrar palestras, comitê de segurança, debates, espaço para expressão de sentimentos e ideias e atividades interativas de conscientização. Nessa linha, o diretor do Sindicato dos Professores do DF (Sinpro), Samuel Fernandes, cita que é responsabilidade do governo investir em políticas públicas junto à comunidade escolar.

"O batalhão escolar deve estar presente na frente das escolas, principalmente na entrada e saída dos alunos. Também é necessário aumentar o número de orientadores educacionais, pois é um profissional de fundamental importância. Ele faz a mediação entre os alunos, pais e professores", explica.

Em nota, a Secretaria de Educação do DF afirma que trabalha a cultura de paz desde 1999, por meio de uma série de ações. "O caderno orientador Convivência Escolar e Cultura de Paz, disponível no site da secretaria, traz orientações a todos da comunidade escolar." A pasta vai imprimir cinco mil exemplares para distribuir nas escolas e fazer transmissões ao vivo para equipes pedagógicas falarem sobre o material.

A SEEDF destaca ainda que há em todas as escolas da rede pública, no mínimo, dois orientadores educacionais que atuam para atender individualmente cada estudante. "Até abril, a secretaria publicará o edital de concurso público que irá contemplar mais vagas para orientadores", adianta a pasta. Em parceria com a Secretaria de Saúde, também realiza um trabalho voltado para os cuidados com a saúde emocional de toda a comunidade escolar.

A Secretaria de Segurança Pública informou que, por meio da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), realiza um trabalho permanente, com o Batalhão Escolar, de segurança no entorno das escolas. Há uma ação preventiva, que acontece sempre que for solicitada pela direção da unidade de ensino, que consiste em visitas com revista na porta da escola e salas de aula, além de palestras e reuniões.

**LEIA MAIS NA PÁGINA 19**